

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**ANEXO 14.1 – 12 –ATA E LISTA DE PRESENÇA DA REUNIÃO
DO SUBCOMITÊ DA VOLTA GRANDE DO XINGU**

Ozima

ATA DA SEGUNDA REUNIÃO ORDINÁRIA DO SUBCOMITÊ DA VOLTA GRANDE DO XINGU DE ACOMPANHAMENTO DO PBA-CI DA UHE BELO MONTE

Às dez horas e vinte minutos do dia dezesseis de junho de dois mil e quinze, na aldeia Paquiçamba, Terra indígena Paquiçamba, é iniciada a reunião ordinária. Estão presentes representantes da FUNAI, NE, Verthic, Agrar/Engetec, Biolaw, bem como representantes das aldeias Paquiçamba, Furo Seco, Miratu, Boa Vista, Guary-Duan e Terrawangã. Inicialmente Júlia Fonseca do Plano de Gestão comenta que o regimento interno do subcomitê da Volta Grande do Xingu não foi assinado na primeira reunião ordinária e os indígenas comentam que querem a leitura do regimento antes de assiná-lo. Em seguida, Francisco Brasil, coordenador regional da FUNAI, informa que o presidente da FUNAI João Pedro assumirá o cargo, de acordo com indicação do governo federal e tomará posse amanhã (17/06/2015). Todas e todos os presentes se apresentam e em seguida Júlia inicia a leitura e explicação do regimento interno. Ronaldo Juruna, da aldeia Furo Seco, comenta que o secretário precisa de material para trabalhar, como notebook ou impressora. Giliarde Juruna, da aldeia Miratu, comenta que o material ficará com o secretário, e isso é ruim pois as vezes é necessária a troca do secretário e ele poderá não repassar o material ao próximo secretário. Júlia, da Verthic, diz que o plano de gestão recebe o rádio da convocação, elabora e distribui convites, e que esse apoio é garantido no Regimento Interno do subcomitê. Juliana, da FUNAI, pergunta sobre o parágrafo o ponto do Regimento Interno que fala a respeito do encaminhamento da última versão do Relatório Consolidado aos indígenas, que esse material deve ser entregue previamente à reunião. Brasil, da FUNAI, comenta que é importante os indígenas terem em mãos esses relatórios antes do subcomitê. Júlia, da Verthic, prossegue a leitura do regimento. José Carlos, da aldeia Guary-Duan, comenta sobre o artigo 2º que fala sobre as funções do subcomitê, dentre elas "acompanhar, discutir e monitorar o desenvolvimento das atividades e ações previstas no PBA-CI da UHE Belo Monte, no que se refere aos programas com atuação para as terras indígenas (...)". Zé Carlos coloca que o texto deve ser ajustado visto que as ações do PBA-CI estão direcionadas para apenas uma aldeia da Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu e não para a TI como um todo, por isso não concorda com o trecho e acha que deve ser alterado. Júlia, da Verthic, comenta que já estão acontecendo discussões sobre a inclusão de aldeias no PBA-CI, que a aldeia Guary-Duan faz parte do subcomitê da Volta Grande do Xingu. Patrícia, da Verthic, comenta que de acordo com o regimento do subcomitê a participação da Guary-Duan garante que seja avaliada a inclusão, ou não, das ações do PBA-CI na aldeia que atualmente não é contemplada. Ozimar Juruna, da aldeia Paquiçamba, comenta sobre sua preocupação em relação às novas aldeias que podem surgir e querer participar e serem incluídas no subcomitê e isso pode causar problemas para os indígenas. Ronaldo, da aldeia Furo Seco, sugere incluir no texto para não abrir para novas aldeias. Giliarde Juruna, da aldeia Miratu, comenta que não podemos fechar para nós mesmos e que caso surjam novas aldeias todos terão de ver juntos a inclusão ou não. Zé Carlos, da Guary-Duan, comenta que é responsabilidade da FUNAI, pois ela que reconhece as aldeias e comenta que sua aldeia foi reconhecida em 2012 e o PBA-CI entrou em execução em 2013 e não foi incluída, apesar de reconhecer o direito e nós, da Volta Grande, somos os mais impactados e os últimos a serem informados, e coloca que a FUNAI deve analisar junto à NE para verificar quem será incluído, considerando que os povos da Volta Grande do Xingu e as aldeias do Bacajá sofrem maiores impactos. Brasil, da FUNAI, comenta que o momento para essa discussão será no seminário de avaliação do PBA a ser realizado de 5 a 12 de julho e também em um segundo

Fabrizio Almeida

C. Zimera

momento da revisão. O Plano operativo vem sendo discutidos e o PBA-CI é para terra indígena e alguns assuntos não podem esperar a revisão, como atividades produtivas, roças, entre outros, e diz que as discussões dos indígenas devem ser levadas para esse seminário. Ronaldo, da Furo Seco, comenta que participou da reunião dos Xikrin e que lá foi dito que FUNAI afirma que PBA-CI é para a Terra Indígena, diz sobre o caso da divisão das aldeias e afirma que deve ser aberto o PBA-CI para a Guary-Duan e outras aldeias. Giliarde, da Miratu, comenta que tem que atender todo o povo que está na terra indígena. Nesse momento, chegam alguns indígenas do núcleo do Toco, que se localizam na TI abaixo da aldeia Furo Seco. Giliarde comenta que outros indígenas de fora da Volta Grande vêm sendo beneficiados e eles, os mais impactados não são priorizados. Júlia, da Verthic, retorna à pauta do regimento e Ronaldo sugere colocar apenas um relatório para ser entregue. Júlia, da Verthic, e Juliana, da FUNAI, esclarecem o que é o relatório consolidado, e que outros relatórios podem ser solicitados caso haja interesse. Cleivaldo, do núcleo do Toco, diz que não está vindo benefício, dizem que já cortaram benefício das aldeias e nada chegou ainda. A Norte Energia não deveria ter cortado verba. Lá pra cima, nas aldeias de cima, estão sendo muito mais beneficiados do que eles. Sotero, da NE, pergunta como foi a chegada dele na terra indígena. Cleivaldo comenta que morou na TI menino, saiu e o pessoal sabe que é da terra. Brasil comenta que ele não faz parte do subcomitê, então só deve ter direito a voz se os membros aceitarem. Giliarde, da Miratu, comenta que ele chegou agora e que ele tem que entender como funciona o subcomitê. Juliana, da FUNAI, pergunta onde está incluso que o subcomitê auxiliará no planejamento anual, Júlia comenta que consta no artigo 2º. Fabrício e Carla, da NE, comentam que no subcomitê são avaliadas ações passadas e apresentado o planejamento das ações, como há especificidades por aldeia, os planejamentos são mostrados nas apresentações e pactuados com as comunidades. Juliana comenta que o planejamento anual é importante para dialogar com a comunidade na participação do planejamento das ações, quais os focos no ano. Júlia, da Verthic, comenta que isso ocorre ao longo do tempo e é apresentado no subcomitê, que envolve diferentes agendas para combinar. Juliana, da FUNAI, comenta que com a TITB, por exemplo, há um planejamento do ano com eles, que é uma ferramenta de acompanhamento importante, para ter uma visão do ano e se as ações estão adequadas com o previsto. Ronaldo, do Furo Seco, informa que foi convocada uma reunião das lideranças juruna com a FUNAI. Júlia pergunta se pode encerrar a leitura do regimento interno. Em seguida propõe a realização dos acordos de convivência e depois segue citando os programas do PBA-CI, as ações executadas, o que está previsto e sugere que se inicie com o Programa de Fortalecimento Institucional (PFI). Patrícia inicia a apresentação do Programa de Fortalecimento Institucional, com a explicação das atividades realizadas pelo Programa. Giliarde pergunta quem são os coordenadores de cada programa, e Patrícia esclarece. Patrícia faz a apresentação das atividades realizadas nas Terras Indígenas por aldeia. Explica as atividades que estão previstas pelo PFI para a aldeia Paquiçamba. Com relação ao Plano de Vida, que é uma atividade prevista pelo Plano Operativo, a atividade só deve acontecer depois do desenvolvimento de atividades de outros programas, como PGTI, PISI. Juliana pergunta sobre a Conferência Nacional de Política Indigenista, atividade que está prevista pelo Planejamento semanal enviado pela Verthic, para os dias 18 a 26 de junho. Patrícia esclarece que deve ter sido um erro de preenchimento da planilha, pois não está prevista essa atividade pela Verthic. Juliana pergunta também sobre a oficina do Estado Brasileiro, a ser realizada para a aldeia Paquiçamba, e Patrícia esclarece que faltou na apresentação, porém a oficina está prevista para ser realizada em junho. Fernando Juruna, da aldeia Boa Vista, pergunta se será

frunes

F B D

o Zima

realizada a Oficina do Estado Brasileiro na aldeia dele. Patrícia disse que sim, que haverá a realização da oficina em todas as aldeias. Inicia a apresentação das atividades realizadas na aldeia Miratu. A comunidade questiona se foi realizada a qualificação dos conselheiros. Patrícia esclarece que não, que as atividades ainda estão previstas, e que a Beatriz fará a oficina com a comunidade. Giliarde pergunta sobre os documentos do pedido da merenda da Prefeitura de Vitória do Xingu, do projeto do PNAE, que a Beatriz da Verthic ficou de entregar à comunidade. Patrícia disse que vai falar com a Beatriz. Giliarde cobra a Verthic que a comunidade está perdendo o tempo de entrega de alguns produtos. Patrícia esclarece qual é o apoio do Fortalecimento Institucional no Projeto, que o Fortalecimento Institucional deve entrar com o fortalecimento da associação, mas o projeto é da comunidade, que a comunidade deve ter as responsabilidades dela. Giliarde diz que eles não queriam participar do projeto junto com a Verthic, porque o relatório diz que está tudo feito. Giliarde diz que o programa tem recursos, e que chega na hora da reunião, o PFI e fala que a atividade não está prevista, que o programa não dá apoio. Marizan diz que a Aldeia Paquiçamba está com o mesmo problema. Patrícia diz que quando a Daniela, nutricionista da prefeitura de Vitória do Xingu, veio na comunidade, os indígenas deveriam ter conversado com a Daniela. Giliarde explica que a comunidade planta as coisas, esperando que no mês seguinte vai ter uma demanda do projeto, e quando chega no mês seguinte, não tem a demanda e os indígenas perdem a produção. Sr. Agostinho Juruna da aldeia Miratu, diz que os pedidos devem ser feitos antes, para que os indígenas se programem para a produção. Fernando Juruna esclarece que a aldeia dele já trabalha há 2 anos com a prefeitura. Fernando explica que o que ele acha que foi errado da Verthic foi que a Verthic deveria ter voltado e acompanhado com o curso de gerir o projeto, diz que a diretoria da associação tem que saber o papel que cada um tem e que a Verthic tem que apoiar nisso. Explica que há duas nutricionistas da SEMED que fazem o pedido e que as vezes solicitam em cima da hora muitos produtos, o que complica a entrega. Patrícia fala sobre a responsabilidade da Verthic, da preocupação da associação não ter problemas, e diz que dar assistência significa o retorno da consultora Beatriz para rever o planejamento de entrega dos produtos e diz que a reunião com a prefeitura de Vitória de Xingu deve ser feita logo. Fernando Juruna comenta que associação dele está na etapa de emissão do certificado digital. Patrícia retoma que o PFI dará continuidade no acompanhamento e diz que a ideia do PFI sempre foi dar instrumentos para que esse projeto seja tocado sozinho pelos indígenas. Fernando comenta que a dificuldade está principalmente na prefeitura, na comunicação entre as duas nutricionistas. Patrícia comenta que no início da conversa com as duas, elas mesmo tinham dificuldade de definir o primeiro pedido. Renata da Vethic comenta que as vezes a comunicação entre produtores e prefeitura dificulta mais. Fernando, da aldeia Boa Vista, comenta que o que faltou é o acompanhamento da verthic na continuidade. Eliete, da aldeia Paquiçamba, comenta que entendeu que a Verthic iniciou, mas depois quer continuar com menos ações. Giliarde, da aldeia Miratu, comenta que também compreendeu isso. Juliana, da FUNAI, comenta que há dificuldades de entender quem é responsável pelo quê e sugere que os indígenas escrevam os responsáveis por cada tarefa. Patrícia comenta que está pactuada a continuidade das ações da Verthic, com o retorno da consultora. Fernando comenta que por enquanto a Verthic apoia, mas futuramente eles deverão tocar o projeto sozinhos. Patrícia esclarece as etapas do acompanhamento do projeto, que está no início e que o retorno da consultora será para continuar o monitoramento do projeto, resolver erros e problemas. Como encaminhamentos ficaram: o agendamento de uma reunião com a prefeitura para se organizar e planejar os pedidos para que não ocorram prejuízos para

muney

os produtores e a segunda oficina de gestão de projetos com a consultora Beatriz para a semana do dia 22 de junho de 2015 na aldeia Boa Vista e possivelmente na Miratu, a confirmar. Patrícia continua com a apresentação das ações do PFI para as aldeias Miratu e Furo Seco, TI Paquiçamba. Acerca da venda de açaí pela aldeia Furo Seco, não foi possível incluir no PNAE nesse ano, mas há planos para construir uma edificação para processar o açaí com a perspectiva do recurso do PDRS e auxílio de Jaime da FUNAI. Patrícia prossegue com apresentação da aldeia Terrawangã. Ronaldo e Giliarde comentam que a oficina de diagnóstico e planejamento não ocorreu e Ronaldo comenta que o planejamento da pesca deveria ser feito porque na Volta Grande muita gente sobrevive da pesca. Juliana, da FUNAI, pergunta como funciona a interface entre PGTI e a oficina de Estado brasileiro do PFI. Patrícia e Renata comentam que os participantes do curso tiveram esse conteúdo e apoiam a oficina na aldeia, com uso do recurso de vídeo. Juliana, da FUNAI, pergunta se Guary-Duan participa das oficinas na aldeia Terrawangã, Renata explica que eles sempre são convidados. Em seguida, Patrícia prossegue com apresentação da aldeia Boa Vista. A reunião é retomada às catorze horas e vinte minutos. Lucas da Biolaw inicia a apresentação do Programa de Comunicação para Não Indígenas (PCNI). Explica os objetivos do programa. Lucas fala das capacitações e dos termos de convivência feitos para os trabalhadores das obras nas aldeias. Fala da importância da fiscalização da própria comunidade com relação às obras. As comunidades devem sempre ficar atentas às ocorrências com os trabalhadores das obras. Ele explica que o Programa de Comunicação tem toda a documentação das obras nas aldeias, o número dos trabalhadores, a situação de cada um. Além dos controles das documentações dos trabalhadores, o PCNI também realiza as vistorias nas comunidades, fazendo conversas nas aldeias, e comunicação via rádio com as comunidades. Juliana pergunta qual é a frequência da manutenção dos rádios nas aldeias. Lucas explica que a manutenção é anual, mas também sempre que possível o programa executa as manutenções solicitadas pelos indígenas. Lucas apresenta os números de capacitações dos funcionários capacitados pelo PCNI. Juliana pergunta sobre um ponto na apresentação, que cita trabalhadores que estão trabalhando nas aldeias e não estão com a documentação completa. Lucas esclarece que o PCNI está sendo bem procurado pelos trabalhadores para apresentar a documentação completa. Sotero da Norte Energia esclarece que essa questão de documentação, é que às vezes o trabalhador está com alguma pendência na documentação, e não sem a documentação. Lucas esclarece que muitas vezes falta o número de algum documento, vacina de varicela, etc. Juliana pergunta se todos os trabalhadores estão com a autorização de entrada em Terra Indígena em situação regular. Lucas diz que o PCNI procura manter a regularidade, fica no pé dos trabalhadores, porém muitos trabalhadores são teimosos e mesmo os indígenas que solicitam agilidade no início das obras. Lucas apresenta o mapa das obras nas aldeias. Giliarde pede que o PCNI traga da próxima vez o mapa grande. Lucas diz que hoje o PCNI está com 37 aldeias no programa de comunicação, e tinha 5 rádios na cidade. José Carlos da aldeia Guary-Duan diz que muitas vezes os indígenas ficam muito tempo no rádio esperando o retorno das respostas dos pedidos de ligação. Ele exemplifica um caso que eles tentaram ligar para o Paulo da Norte Energia, mas demorou muito para conseguir falar no rádio, então os indígenas desistiram e foram para o rio tentar falar com a equipe que estava descendo o rio. Outro ponto é que os indígenas não podem passar recados para a FUNAI via PCNI. Lucas explica que o PCNI é um programa de comunicação institucional para a Norte Energia. Ele diz que a FUNAI deve ter o sistema de radiofonia próprio da FUNAI. Lucas diz que o PCNI tenta otimizar a telefonia, quando tem solicitações para a Norte Energia, eles esperam todas as

frunes

m

g b d

O Zimma

demandas e fazem uma única ligação para a Norte Energia com todas as demandas e depois eles retornam para os indígenas. Joana Angélica diz que também muitas vezes a pessoa que deveria responder as questões não está no escritório. Leiliane Juruna diz que os indígenas não são remunerados para operar o rádio e repassar as informações, e que eles perdem muito tempo repassando as informações. Lucas fala que o rádio é um benefício dos indígenas, que não tem remuneração. Giliarde pergunta se o Lucas é remunerado para operar o rádio. Lucas responde que sim. Giliardi então pergunta porque que os indígenas não recebem a remuneração. Juliana diz que a FUNAI já solicitou à Norte Energia que a FUNAI também tenha o seu horário específico no rádio, e diz que a FUNAI já está se organizando para estar no rádio para receber e repassar as informações. José Carlos diz que muitas vezes os indígenas utilizam o telefone e conseguem falar com a NE, Verthic, etc, e não conseguem falar com a Funai e solicita que a Funai coloque um telefone na aldeia. Fernando Juruna lembra que não recorda o ano, mas que os indígenas já solicitaram à FUNAI a instalação de orelhões nas aldeias. Francisco Brasil falou que já solicitou para a Embratel uma visita técnica nas aldeias que já possuem orelhão (Kwatinemu, Apyterewa) para fazer manutenção dos equipamentos, e que a FUNAI já mandou um ofício para a Embratel com um mapa com todas as aldeias e com a população, para que sejam instalados os sistemas de telefonia em todas as aldeias. Em seguida, Júlia da Verthic, prossegue com o Programa de Educação Escolar Indígena, apresentando o andamento das atividades do programa, como o apoio à formatura do magistério indígena, o apoio às reuniões do Território Etnoeducacional e a formação continuada de professores. Leiliane pergunta sobre a pactuação da data sobre o PPP das escolas, que está indicado para início de julho, que deve ser informado antes para participação da comunidade, visto que estão planejando atividades na mesma época. Renata, da Verthic, explica que há tentativas de marcar com professores Yudjá para acompanhamento do PPP dos Juruna, inclusive realizar uma reunião durante o intercâmbio. Giliarde ressalta que é importante o agendamento das datas com antecedência. Zé Carlos ressalta a importância de marcar com a comunidade, consultar a comunidade antes, vai que duas equipes querem entrar na aldeia ao mesmo tempo. Giliarde comenta que as equipes devem passar a agenda para os indígenas para marcar o dia. Julia comenta que até 31 de julho algumas ações devem acontecer devido ao encerramento do contrato da Verthic, mas a data exata da atividade deve ser pactuada com os indígenas. Comenta sobre as ações em andamento que são o apoio à elaboração do PPP, apoio à elaboração dos materiais didáticos e o intercâmbio para professores indígenas. Juliana, da FUNAI, reforça que todos os materiais didáticos produzidos devem passar pela FUNAI para ter um parecer antes da publicação. Leiliane diz que o intercâmbio deve ser logo. Eliete comenta que não pode ir para o intercâmbio de professores nos pankararu e foi para os Yudjá. Renata ressalta que a coordenação do PEEI quer estimular trocas entre os professores Yudjá e Juruna. Leiliane ressalta que os professores Juruna devem trocar conhecimento com o mesmo povo, ou seja com os Yudjá. Fernando comenta esses intercâmbios são gratificantes, porém os indígenas se sentem pequenos porque aqui eles estão começando a desenvolver a educação enquanto outros povos já estão mais avançados. Diz que após os intercâmbios eles trazem muitas coisas, a experiência é boa porque eles estão buscando educação diferenciada para o povo. Fernando, da aldeia boa vista, diz que não pode ir para o intercâmbio e que lá nos Yudjá eles têm a educação diferenciada. Eliete, professora da aldeia Paquicamba, tinha ouvido falar dos Pankararu, que tinham perdido a língua, que foi difícil eles conseguirem a educação diferenciada. Leiliane fala que a luta lá nos Pankararu durou 10 anos, diz que sentiu um preconceito e se sentiram rebaixados, mas diz que eles tem as próprias conquistas, e diz que

frunes

Joana

[Handwritten scribbles]

[Handwritten scribbles]

passar a experiência de como foi, foi bom para trabalhar para conseguir alguma coisa. Sotero comenta que trabalhou com os Pankararu, e diz que eles realmente estão adiantados, pela maneira que conseguiram saúde e educação, e diz que o que os Pankararu conseguiram os povos do médio Xingu também podem conseguir, e conta a história da primeira doutora indígena formada lá nos Pankararu, que eles são uma referência em educação indígena. Renata comenta sobre o intercâmbio como troca de saberes, histórias e formas de ver a educação, e diz que a ideia é ver exemplos que podem ser interessantes para a escola da comunidade e não é para eles se sentirem rebaixados. Leiliane comenta que o professor retornou o que viu, mas ressalta que é importante a troca de experiências. Júlia comenta que o intercâmbio de professores é diferente do intercâmbio do programa de patrimônio cultural. Juliana, da FUNAI, comenta que o intercâmbio não se finaliza na volta, existe um planejamento para ver o que será trocado, e é importante ter uma avaliação. Renata comenta que a próxima etapa deve ocorrer na formação de professores. Juliana continua comentando de como os intercâmbios devem ser bem planejados e avaliados para melhorar as experiências futuras. Júlia comenta que o intercâmbio com os Yudjá já está no PO para ocorrer uma vez ao ano até 2017 e lá também é possível discutir a educação. Por fim, Júlia comenta sobre atividades futuras. Ronaldo da Furo Seco diz que de 7 a 18 de julho não recebe nenhuma equipe das executoras do PBA-CI na aldeia. As 16 horas a reunião é interrompida para que os indígenas possam realizar uma reunião com a Funai. Às nove horas do dia dezessete de junho de dois mil e quinze foi iniciada o segundo dia de reunião do subcomitê, com a presença de representantes de todas as aldeias exceto a aldeia Boa Vista. Emílio, da Agrar/Engetec inicia apresentação do PAP. Emílio inicia falando do Projeto de Subsistência. Ronaldo da Furo Seco reclama que as unidades demonstrativas para as roças deveriam ter sido feitas logo que o milho foi plantado e que agora não adianta mais nada. Emílio diz que da próxima vez, o acompanhamento será feito mais cedo. Ronaldo também reclama que o acompanhamento da construção da casa de farinha era pra ter sido feito mais cedo, que quando o acompanhamento chegou, a casa de farinha já estava pronta e com problemas da porta, esgotamento do cocho, área (quando chove, molha tudo e eles podem perder a farinha). Fabricio fala que a adequação da varanda lateral já está em discussão na Norte Energia. Giliarde pergunta quando vai ser resolvida a questão da prensa, que a prensa não presta. Pedro da Agrar/Engetec diz que não é que a prensa não presta, é que os indígenas não estão acostumados a usar a prensa da casa de farinha, que eles estão acostumados com outro tipo de prensa. Ronaldo falou que já conversou com um técnico da agrar/engetec pedindo o material que eles fariam a prensa, do jeito tradicional dos indígenas, do jeito que eles sabem trabalhar, e o material não veio. Giliarde fala que o problema da Agrar/Engetec é que a Agrar/Engetec quer a responsabilidade das coisas que estão sendo feitas só pra eles. Giliarde fala que o cacau semeado direto no campo ficou melhor do que aqueles que foram plantados em sacos. Marino diz que não adianta trazer prensa que eles não sabem usar. Adalton diz que a solução é a Agrar fazer um tipo de prensa que seja parecida com o tipo de prensa tradicional dos indígenas. A questão da casa de farinha também, ele disse que os indígenas já falaram do forno antes, mas não adiantou. Giliarde fala que o erro não é só da Agrar e da Norte Energia, diz que o problema é da FUNAI também, que a instituição deveria se preocupar com as particularidades de cada povo e que a FUNAI não deveria permitir que fosse feito tudo igual para todos os povos, reclama também da limitação do número de trabalhadores nas aldeias, já que eles precisam dos postos de saúde e escolas prontos. Marino diz que na casa de farinha da Paquiçamba, a empresa se recusou a fazer a valeta e jogou a responsabilidade de fazer a valeta para os indígenas. Giliarde

[Handwritten scribble]

[Handwritten scribbles]

Marino Justina

[Handwritten scribble]

[Handwritten scribble]

frunes *[Handwritten signature]* *[Handwritten signature]* *[Handwritten signature]* *[Handwritten signature]*

~~Handwritten scribbles at the top of the page.~~

diz que quando ele vai no Ministério Público, o MP diz que o projeto das casas de moradia tem que ser de acordo com a vontade dos indígenas. Francisco Brasil diz que Giliarde está certo, que são 9 etnias atendidas pelo PBA-CI, e cada povo tem sua realidade, mas as coisas são feitas de maneira igual para todos, os projetos são os mesmos dos postos de saúde, escolas, casas de farinha, diz que já foram feitos vários treinamentos para os indígenas aprenderem a usar a prensa e que não adianta, pois eles estão acostumados com outro tipo de prensa e não adianta mudar. Ronaldo pede que hoje saiam alguns encaminhamentos da reunião, diz que antes das empresas entrarem na aldeia dele, eles nunca ficaram sem mandioca, sem banana, e com 2 anos de roça mecanizada, eles ainda não tem nada, ele diz que está tentando trabalhar em parceria com as empresas, mas que do jeito que está, a parceria não está funcionando. Fabricio fala que as casas de farinha da TI Paquiçamba foram as primeiras a serem finalizadas e quando foram identificados os problemas e que essa adequação já estava sendo providenciada para aquelas ainda não finalizadas. Giliarde fala que já vieram outros técnicos da Norte Energia e que isso já foi falado e nada foi resolvido. Fabrício fala que o encaminhamento é a solução do esgotamento do cocho para limpeza, ele diz que vai levar a demanda, conversar e avisar a comunidade quando o problema vai ser resolvido. Marino fala que tem problemas com o pubeiro que não segura água. Joana Angélica falou que as não conformidades já foram encaminhadas para o Josinei (empreiteiro das casas de farinha). Giliarde diz que quer que coloque em ata um prazo para a solução dos problemas. Seu Agostinho vai até a casa de farinha da Miratu com o Sotero para pegar o Josinei, e Emílio segue com a apresentação. Eliete da aldeia Paquiçamba diz que os insumos do ciclo passado, só chegaram atrasados, que só prejudicou a roça, que precisa começar a chegar em dia. Emílio explica que as datas propostas na apresentação são datas previstas, e que as datas exatas devem ser pactuadas com os indígenas. Ronaldo diz que o consultor Jaime precisa vir para passar mais tempo na aldeia pra falar sobre o projeto de pesca, que da última vez que ele veio, ele ficou pouco tempo e foi embora. Emílio informou que o curto prazo de permanência o Jaime está relacionado a não disponibilidade da comunidade para participar da oficina. Pedro fala que vários pontos devem ser pensados para elaborar o projeto de pesca, e que o PAP deve reservar 4 dias em cada aldeia para discutir com os indígenas. Ronaldo diz que conversou muito com o Jaime e que o pessoal da Furo Seco sempre falou sobre criação de peixe. Pedro diz que o Jaime deverá retornar em setembro ou outubro para discutir com os indígenas o projeto de criação de peixe. Adalton diz que o projeto que o Jaime apresentou é muito simples e que ele acredita que tem 90% de chance de dar certo na região. Leiliane (Bel) diz que não sabe como existe a burocracia junto ao município e a FUNAI. Brasil diz que a FUNAI está disposta a conversar com a prefeitura do município sobre diversos projetos. Adalton reclama que dentro da TI Arara da VGX, mesmo após a desintrusão da TI, muitas pessoas continuam entrando na TI e retirando cacau dos indígenas e que a solução é os indígenas tirarem as pessoas na marra. Adalton pergunta se as malhadeiras já estão compradas. Ronaldo diz que as malhadeiras previstas para entregar em julho vão vir desmontadas. Emílio diz que o problema é que se a Norte Energia fosse comprar as malhadeiras montadas, elas seriam entregues lá para setembro, outubro. Ronaldo diz que isso é errado e que a Volta Grande deveria ser prioridade nos projetos. Júlia, da Verthic, comenta que em outro subcomitê foi feita uma tabela de encaminhamentos, que pode ser feito no momento de leitura da ata para organizar e encaminhar as demandas de todos os programas. Josinei, da construtora RJL que construiu as casas de farinha, chegou para esclarecimento acerca do vazamento dos pubeiros. Comunidade reclama que quando estava construindo a casa de farinha, eles falavam que do jeito que estava construindo, não ia dar certo,

~~Handwritten scribble on the right margin.~~

Marino Tubana

Joana

Brasil

~~Handwritten scribbles on the left margin.~~

~~Handwritten scribble on the left margin.~~

Jaime

Fro. Bif

~~Handwritten scribble at the bottom.~~

7

[Handwritten initials]

e o pessoal da obra falava que o projeto era daquele jeito e tinha que ser feito do jeito que estava no projeto. Josinei confirma que isso sempre foi falado. Fabrício diz que a adaptação tem que ser feita e precisará verificar quem fará a adaptação. Sotero pergunta para Josinei se no contrato da Norte Energia com a construtora tem seguro. Josinei diz que sim. Sotero lembra que o seguro é de 5 anos, no caso de problemas das obras, então o Josinei tem que ser responsável pela readequação da obra. Fabrício sugere que o Marino vá com o Josinei até a casa de farinha para combinar quais vão ser as adequações. Carla Moura da Norte Energia inicia a apresentação do projeto de Infraestrutura. José Carlos pergunta se as casas não fazem parte do programa de infraestrutura. Carla diz que casas de moradia não fazem parte das ações do PBA-CI. Adalton diz que lá na TI Arara da VGX tem uma placa dizendo que a construção das casas usa recursos do PBA. Francisco Brasil diz que a placa está incorreta, que as casas de moradia são acordos e não PBA, logo não deveria ser usado recurso de PBA para as casas de moradia. Carla apresenta os projetos das escolas que apresenta que a escola na Terrawangã tem duas salas. Adalton e Giliarde diz que em reunião com o Fernando Ribeiro ficou definido que seriam quatro salas. Carla explica que o ofício enviado pela SEMED/Senador José Porfirio à Norte Energia definiu que seriam duas salas para a aldeia Terrawangã. Adalton diz que não concorda com isso. Eliete diz que na reunião do Território Etnoeducacional ficou definido que seriam quatro salas. Brasil sugere uma revisão dessa proposta, diz que os indígenas não vão aceitar apenas duas salas. Carla diz que desde segunda-feira a noite (16/06/2015) as ordens de serviço já foram assinadas para a execução das obras das escolas. Ronaldo pergunta se serão duas empresas diferentes para a construção das UBSI e Escolas. Ele diz que não concorda com a presença de duas empresas diferentes na aldeia. Joana Angélica diz que a empresa Gomes e Sales não tem condições de assumir as duas obras ao mesmo tempo. Ronaldo então diz que o que ele quer é que entregue as obras com agilidade. A comunidade diz que a prioridade é de construir os banheiros. Brasil diz que a limitação do número de trabalhadores poderá ser definida por cada comunidade, mas a questão de contratação de duas empresas, as comunidades tem que decidir o que eles querem que seja feito. Marino diz que leu a ata da reunião que teve junto com os Xikrin, e o Diretor da Norte Energia falou que os indígenas poderiam indicar a empresa que faria as obras, mas que eles nunca vão conseguir indicar pois não tem empresa que tem capital para assumir as duas obras em todas as aldeias. Eliete diz que não está preocupada com a presença de uma empresa ou duas empresas, que o número de trabalhadores vai ser o mesmo, e nem está preocupada com o capital da empresa, o que ela quer é que as obras saiam logo. Eliete diz que não se importa em indicar a empresa, desde que o serviço seja feito. Giliarde diz que eles nunca tiveram o direito de indicar a empresa, é a Norte Energia que decide, e quando a obra dá errado, a comunidade que sofre as consequências. Fabrício diz que essa situação não pode ser resolvida nessa reunião do subcomitê e diz que vai apresentar ao escritório da Norte Energia que está havendo a por parte da comunidade a discordância quanto a contratação de 2 empresas diferentes nas aldeias. Joana Angélica diz que não se pode generalizar uma demanda que é só do Giliarde. Furo Seco diz que não se importa que tenha duas empresas. Adalton não quer o início da obra da escola, pois ele não quer escola com duas salas. Giliarde diz que na aldeia Miratu ele não quer duas empresas, ele quer que a empresa que já está na aldeia continue. Aldeia Paquiçamba também não importa que sejam duas empresas. Ozimar diz que a Norte Energia está colocando as comunidades uma contra a outra. Giliarde diz que em reunião que ele já teve com Arlindo, que representava o Diretor da Norte Energia, garantiu que seria priorizada a empresa que já está trabalhando com os indígenas. Joana Angélica diz que a Norte Energia

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

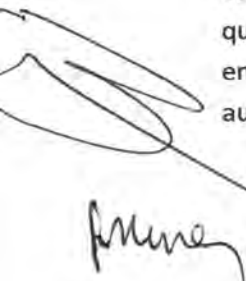
[Handwritten mark]

[Handwritten mark]

[Handwritten mark]



está sendo democrática, respeitando a opinião de cada um, priorizando o que cada aldeia quer. Carla apresenta a planta da escola de duas salas. Giliarde pede para que ela levante quais são as medidas do terreno onde será construído as escolas. Carla falou que vai levantar e passar para Joana Angélica. Joana Angélica diz que assim que o barracão ficar pronto, vão ser distribuídas as cópias dos projetos aos indígenas. Carla apresenta os postos de saúde e diz que a única aldeia que vai receber a UBS tipo 2, com consultório odontológico, é a Paquiçamba. Ronaldo pergunta se estão confirmados os alojamentos. Carla diz que todas as UBS terão alojamentos. Carla informa que a execução das obras das melhorias sanitárias será realizada através do aditivo do contrato da empresa da escola ou da UBS. Giliarde pede que os banheiros sejam construídos junto com as UBS, no mesmo contrato. Carla comenta sobre o sistema de abastecimento de água. Ela diz que a Norte Energia está procurando para fazer a adequação dos sistemas de água de todas as aldeias e que a prioridade é para as Rotas VGX e Bacajá, pois são os sistemas mais antigos. José Carlos, diz que eles estão aguardando a boa vontade da FUNAI de se manifestar com relação ao sistema de abastecimento da Gaury-Duan e diz que se até 30 de julho não houver um retorno com relação à participação da Gaury-Duan nos projetos do PBA-CI ele vai se manifestar. Marino diz que fica envergonhado e preocupado com a situação da aldeia com relação aos banheiros e de abastecimento de água, que a situação da aldeia é ruim, e complementa a fala do José Carlos, que eles querem uma providência para isso. Brasil diz que deve ser tomada uma providência provisória enquanto o sistema não fica pronto. Adalton diz que a situação da Terrawangã é ainda pior, que o poço que foi furado não prestou, e eles tomam água do rio. Carla explica o projeto de iluminação nas aldeias, diz que já saiu na semana passada a Licença de Instalação, e que a Norte Energia está aguardando o posicionamento da Celpa com relação a data que será iniciada a obra de extensão de rede para a TI Paquiçamba. Sobre os acessos, Carla diz que a Norte Energia já recebeu, no dia 15/06/2015 a Autorização de Supressão da Vegetação do IBAMA para construção da estrada na Terrawangã. José Carlos pergunta para Carla sobre a situação da iluminação para a aldeia Gaury-Duan. Carla diz que se tiver acesso, a energia também vai chegar e que vai entrar em contato com o Ministério de Minas e Energia para verificar se o processo de licenciamento para a obra de extensão de rede pode acontecer em paralelo com a estrada. Júlia, da Verthic, prossegue com a apresentação do PISI – Programa Integrado de Saúde Indígena – que contempla oficinas para agentes indígenas (AIS e AISAN), oficinas para funcionários do DSEI, e educação em saúde nas aldeias. As oficinas de educação em saúde ocorreram nas aldeias Terrawangã e Miratu, essas oficinas podem abranger temas como lixo, mas também as comunidades podem comunicar outros temas que tem interesse. Foram realizadas oficinas para AIS e AISAN e o próximo módulo do AISAN será realizado em aldeias. Giliarde pergunta se a Verthic entrega certificados para as oficinas. Júlia comenta que não existe formação de agentes e técnicos, mas são oficinas para complementar na formação destes. Leiliane comenta que a formação dos AIS está boa, faltou a doação de materiais. Os indígenas, em geral, reclamam a falta de presença do DSEI e da falta de material para o AISAN e também comentam que o nome “formação” de agentes é inadequado pois os cursos não tem validade profissional. Júlia comenta sobre as oficinas, que os próximos temas sejam sugeridos pelos indígenas, para posteriormente serem discutidos com o DSEI. Ronaldo, do Furo Seco, coloca que o DSEI precisa trazer material para trabalho, os demais concordam. Giliarde coloca que a Verthic deveria fornecer material para o AISAN. Leiliane comenta que AIS não pode entregar remédio. Giliarde comenta que AIS não pode fazer nada, mas quando enfermeiro está ausente ele que substitui. Júlia apresenta fotos das atividades realizadas e comenta que os



F B D



M O Zima

temas para as formações podem ser sugeridas pelos indígenas. Brasil, da FUNAI, pergunta se já houve alguma formação que envolveu ensino de primeiros socorros, Leiliane comenta que nunca houve, e que eles já cobraram do DSEI que querem conhecer a medicação básica e primeiros socorros, mas diz que eles são proibidos de dar e receitar medicamentos. Brasil comenta que há medicamentos que não tem restrições e que uma capacitação poderia ajudar no atendimento de casos pequenos para melhor aproveitamento desses profissionais, porém esses assuntos competem ao DSEI. Sotero comenta que os AIS trabalham mais no acompanhamento, o técnico de enfermagem passa por curso e sugere aos indígenas de procurarem o DSEI que eles possam fazer cursos de enfermagem. Leiliane comenta que a sugestão desses temas já foi feita e o DSEI já comentou que os AIS são proibidos de fazer primeiros socorros, porém a estrutura do DSEI não dá conta da demanda e colocam o AIS para substituir o técnico de enfermagem. Brasil comenta que os AIS poderiam, com formação, auxiliar no trabalho do enfermeiro. Às quatorze horas e dez minutos é retornada a reunião com a discussão sobre o plano de gestão, Brasil, da FUNAI, comenta que está em discussão que o plano de gestão não ficaria mais com a Verthic. Fabrício, Carla e Júlia explicam o papel do plano de gestão. Ronaldo comenta que não deve ficar com a NE, tem de ser outra empresa. Em seguida Julia, da Verthic, prossegue com a apresentação do Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial (PPC) e as ações em andamento. Ronaldo questiona se houve dois intercâmbios. Giliarde questiona que foi pedido apoio para sua ida e que não consta como intercâmbio. Ronaldo coloca que não foi comunicado para Furo Seco e Paquiçamba que a utilização do recurso para a festa da Miratu. Júlia comenta que a festa proposta da Miratu pode estar dentro do intercâmbio. Ronaldo comenta que o recurso para a festa da Miratu foi incluído como apoio ao intercâmbio sem consultar as demais aldeias. Giliarde comenta que o projeto da festa foi pensado com o apoio do ISA que comentou que a Verthic deveria apoiar, mas que a festa é da Miratu e que foi acordado com a Verthic isso, com apoio ao transporte, miçanga e oficineiros, as outras aldeias foram convidadas para participar da festa e oficinas. Agora a Verthic está dizendo que o recurso que tem disponível é de todas as aldeias, porém isso deveria ter sido conversado antes para pensar em uma festa coletiva e teria organizado junto antes. Cada aldeia deve pensar seu intercâmbio e faltou a Verthic conversar antes se ela queria fazer junto. Ronaldo comenta que a porta já fechou, não vai vir miçangas mais, mas isso foi pedido pelo Giliarde para a Miratu. A festa é da Miratu e foi empurrado que a festa seria de todos, vamos participar, mas não aceito que o recurso de todas as aldeias sejam destinado apenas a festa da Miratu. Júlia comenta sobre a divisão do recurso que pode ser dividido entre as aldeias e diz que os indígenas devem decidir como eles irão fazer. Giliarde comenta se há limite de gasto, Júlia comenta que a divisão pode ser feita entre as aldeias. Ronaldo comenta que é isso que eles querem fechar, que quer que se garanta o recurso para cada aldeia, a festa da Miratu é da Miratu e não pode usar o recurso de todos os indígenas para isso. Giliarde comenta que o projeto é da associação da Miratu, mas que todas as aldeias foram convidadas. Renata comenta que houve um mal entendido, pois ela tinha entendido que a festa era na Miratu, porém que o intercâmbio era de todos, após essa conversa compreendeu que houve mal entendido, então pode ser encaminhado que o recurso do intercâmbio será dividido entre as aldeias, e que cada uma deve pensar no seu projeto e que o projeto da Miratu é apenas dessa aldeia. Leiliane comenta que às vezes essas confusões coloca um contra o outro. Ronaldo comenta que eles devem sentar e conversar juntos e que eles tem que ser consultados antes. Ronaldo comenta que a festa é do Giliarde, se os Yudjá quiserem conhecer e visitar os lugares será feito, com apoio de todas as

aldeias. Giliarde comenta que o projeto foi pensado quando os Yudjá não conheciam todos os indígenas da Furo Seco e Paquiçamba, por isso irão levar os parentes para conhecer as demais aldeias e se precisar dormir lá eles vão, e a festa será feita na Miratu com todas aldeias convidadas. Ronaldo e Ozimar comentam que foram convidados e todos irão participar da festa. Júlia prossegue a apresentação e Renata comenta que a 2ª etapa da oficina de videoastas é a oficina de edição que será pactuada com os participantes da 1ª oficina e possivelmente ocorrerá em julho. Julia comenta a importância de levar adiante essa formação de videoastas para a geração de produtos que registrem a cultura do povo juruna. Sobre o filme da relação dos juruna e arara com a volta grande do Xingu, Renata explica que está quase pronto e que será apresentado nas aldeias para aprovação dos indígenas. Marcela inicia a apresentação do Programa de Supervisão Ambiental. Ronaldo fala que o programa faz o monitoramento da pesca que é feito com materiais que os indígenas não utilizam. Marcela esclarece que o PSA não faz o monitoramento, ele só acompanha. Fabrício diz que na última reunião do Trecho da Vazão Reduzida (TVR) já foi discutida essa questão da não utilização dos mesmos materiais que os indígenas utilizam para pesca nos monitoramentos, e diz que foi esclarecido que isso acontece porque o objetivo é pegar o maior número possível de espécies para monitorar. Giliarde diz que por isso mesmo que eles criticam, que o monitoramento de pesca tem que utilizar os mesmos materiais de pesca que os indígenas, pois nos relatórios do monitoramento não apareceram espécies de peixe que os índios mais pescam, como o Pacu e o Tucunaré. Ronaldo diz que outro ponto é que eles pediram um monitoramento específico para o furo seco (igarapé) pois ele seca e não tem monitoramento. Ele diz que já cansaram de pedir o estudo específico lá dentro, já pediram uma régua e ainda não chegou. Marcela esclarece que o PSA não faz o monitoramento, o PSA faz o levantamento dos questionamentos dos indígenas e leva para o Comitê do Trecho da Vazão Reduzida (TVR) e diz que se os indígenas acham que o monitoramento que está sendo feito pelo PBA Geral não corresponde ao que eles precisam, isso deve ser discutido no TVR. Ronaldo pergunta sobre o acompanhamento técnico às pescarias. Marcela diz que o PSA deve fazer entrevistas para complementar essas informações do monitoramento realizado pelo PGTI, para mapear qual é a percepção dos indígenas com relação às pescarias. Em seguida, Júlia, da Verthic, apresenta o Programa de Gestão Territorial Indígena (PGTI) e as ações em andamento, comenta que os relatórios acerca dos calendários sazonais e etnomapeamentos estão em processo de consolidação de relatórios. O curso de gestão territorial está em andamento em seu último módulo. A reunião é encerrada às dezesseis horas e quinze minutos do dia dezessete de junho de dois mil e quinze.

monte paucijú Ronaldo & juruna-




Paulo Wane  Fabrício Wane
 Fwari 
 Marcelo Bertolucci Lima



O Zima

Marizely  Adalton Branco  14

ATIVIDADE: Subcomitê VOLTA GRANDE DO XINGU
 DATA: 16/06
 LOCAL: ALDEIA PAQUICAMBA
 TÉCNICO/EQUIPE DE CAMPO:

	NOME	ASSINATURA
1	Julia Busab Fonseca	[Assinatura]
2	José Emilio Bandeira de Mota	[Assinatura]
3	Luiz Carlos de Jesus	[Assinatura]
4	PEDRO PAULO H. ARAUJO	[Assinatura]
5	Marizav Juuruna	
6	Bonildo Soares de Freitas	
7	NEGO VELHO	
8	CARLA MOURA / NE	[Assinatura]
9	Salvador Nunes Costa	[Assinatura]
10	José Carlos Araujo	[Assinatura]
11	Osina Juuruna	[Assinatura]
12	Agustinho Pereira Juuruna	[Assinatura]
13	Ronaldo Juuruna	[Assinatura]
14	HELIO SOUZA / NE	[Assinatura]
15	Jana Angélica / NE	[Assinatura]
16	Carmenasilva Juuruna	
17	Juliana V. Araújo	Funai
18	JOSÉ ARARA	
19	Trâki Juuruna	
20	Arlite Juuruna	
21	Olindalva Juuruna	
22	FRANCISCO JOSÉ BRASIL DE MORAES	FUNAI - Fun B. [Assinatura]
23	Edúcio Boulro	VERTHIC [Assinatura]
24	Marcelo Detelucci Lima	Agua / Engotec [Assinatura]
25	Edison Juuruna	
26	Rosângela Barros Ziliana	
27	Valdir Mendonça	
28	Jessica Gomes Souza	
29	Dilcione Juuruna	
30	Caros Vieira - Funai	[Assinatura]

Verthic

Norte Energia
Usina Hidrelétrica Belo Monte

ATIVIDADE: SUB-COMITÊ VOLTA GRANDE PO XINGU

DATA: 26/06

LOCAL: ALDEIA PAQUIRAMBA

TÉCNICO/EQUIPE DE CAMPO:

	NOME	ASSINATURA
31	João Augusto	Verthic
32	Patricia Machado	PFI - Verthic
33	Renata Utsumomiya	Verthic
34	Fernanda Juruma	Aldeia Boa Vista Km 30
35	Erica Arolinário Avelino	Francisco messes de Juruma
36	Cláudio da Associação dos Índios Juruma	
37	Juruma Custumário Juruma	
38	Juruma	
39	TEOVA ASSUNÇÃO DOS SANTOS	
40	LEIDIANE ASSUNÇÃO DOS SANTOS	
41	Tayone Assunção dos Santos	
42	Manoel Félix Juruma	Paquiramba
43	Valdelena e caschero	
44	Berliane Jacinto Pereira Juruma	Miratu
45	Carlos Henrique dos Santos Davila	ABRAR / ENGTEC.
46		
47		
48		
49		
50		
51		
52		
53		
54		
55		
56		
57		
58		
59		
60		

Verthic

Worte Energia
Usina Hidrelétrica Belo Monte

ATIVIDADE: SUB-COMITÊ VOLTA GRANDE DO XSD
 DATA: 37/06
 LOCAL: ALDEIA PARUÍCAMBA
 TÉCNICO/EQUIPE DE CAMPO:

	NOME	
1	Augusto	Logística - VERTHIC
2	Renata Utsumomiya	
3	Júlia Bumbá Fonseca	Plano de Gestão - Verthic
4	FRANCISCO JOSÉ BRASIL DE MORAES	FUNAI
5	Valdelma e Cardoso	
6	Mari Zor, Juruena	
7	Yasé Carla Arara	Juarez - DUAM
8	Agustinho Juruena	
9	Tráki Juruena	
10	Benildo Soares de Freitas	
11	Opimac Juruena	Opimac
12	Calindalva Juruena	
13	José Arara	
14	Manoel Félix Juruena	Pagguicamba
15	Honaldo Juruena	
16	Luana Angélica de O. Dom	Prof. Eln.
17	Adilton Marão	
18	Marino Juruena	
19	PENHO PAULO APARECIDO	NE
20	Carla Henrique dos Santos Davila	AGRAR/ENGETEC
21	Marcelo Bertolucci Lima	AGRAR/ENGETEC
22	HELIO SOEPO/NE	NE
23	CARLA MOURA / NE	AGRAR/NE
24	Rodrigo São José	AGRAR/ENGETEC
25	José Carlos de Jesus de M. F.	Agar/Engetec
26	Edilino Borahino	Verthic
27	Carliane Jacinto Pereira Juruena	Maratu
28	Maria Eliete Félix Juruena	
29	Fabrizio Nunes Costa	NE
30		